

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Ser offline e existir online [To be offline and to exist online]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-21 16:35:50
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/159764

“Ser offline e existir online”

Não devemos nos interessar pela história como coleção de fatos dados. “Se eu desejo ter um futuro cheio de possibilidades em aberto, também tenho de respeitar o passado como uma ampla gama de possibilidades”, frisa Siegfried Zielinski

POR MÁRCIA JUNGES E THAMIRIS MAGALHÃES - TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

“N

ão aceitamos a ideia de que a mídia tenha sido inventada no século XIX com o advento da fotografia, telefonia e cinematografia, ou seja, que a mídia seja resultado da industrialização”. É assim que o professor Siegfried Zielinski define a arqueologia da mídia, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Para o autor de *A arqueologia da mídia*, os meios de comunicação têm uma história muito mais longa, que remonta às chamadas altas culturas dos períodos bizantino, chinês, indiano, sul-americano ou helenístico. “Para investigar isso, adaptei o termo ‘tempo profundo’ da paleontologia. Além disso, se usamos a variedade/diversidade como o critério decisivo para o que chamamos de progresso na civilização humana, períodos anteriores poderiam ter sido mais progressistas do que nossas culturas atuais. Estas últimas são altamente estandardizadas, seguem padrões e gramáticas, protocolos e regras cujo efeito é mundial”, diz. O pesquisador frisa ainda que “não faria esses esforços (an) arqueológicos se não estivesse convencido de que podemos salvar ao menos partes das variedades e diversidades do passado para os tempos futuros”. A pesquisa (an) arqueológica, para ele, é, de fato, uma espécie de máquina do tempo. “Se a fazemos com engajamento e em alto nível, ela pode nos ajudar a gerar o futuro. Mas essa intenção exige um respeito específico pelo passado”.

Siegfried Zielinski é um teórico da mídia alemão. Aborda principalmente os temas de Teoria da Mídia, Arqueologia e Variantologia da Mídia na Universidade de Berlim. É autor de *A arqueologia da mídia: em busca do tempo remoto das técnicas de ver e do ouvir* (São Paulo: Annablume, 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é o grande projeto que norteia a arqueologia da mídia?
Siegfried Zielinski - “Projeto” é um bom termo. Vilém Flusser¹, cujo espólio está guardado na Universidade das Artes de Berlim, também gostava muito dele. Para ele, “projeto” era o conceito contrário ao do sujeito clássico da modernidade. Projetar o mundo significa criá-lo novo ou ao menos diferente, “projetá-lo” na acepção direta [arquitetônica] do termo. A arqueologia da mídia, de acordo com minha compreensão, significa ao menos duas coisas: não aceitamos a ideia de que a mídia tenha sido inventada no século XIX com o advento da fotografia, telefonia e cinematografia, ou seja, que

¹ Vilém Flusser (1920-1992): filósofo tcheco, naturalizado brasileiro. Autodidata, durante a Segunda Guerra, fugindo do nazismo, mudou-se para o Brasil, estabelecendo-se em São Paulo, onde atuou por cerca de 20 anos como professor de filosofia, jornalista, conferencista e escritor. (Nota da IHU On-Line)

a mídia seja resultado da industrialização. Os meios de comunicação têm uma história muito mais longa, que remonta às chamadas altas culturas dos períodos bizantino, chinês, indiano, sul-americano ou helenístico. Para investigar isso, adaptei o termo “tempo profundo” da paleontologia. Além disso, se usamos a variedade/diversidade como o critério decisivo para o que chamamos de progresso na civilização humana, períodos anteriores poderiam ter sido mais progressistas do que nossas culturas atuais. Estas últimas são altamente estandardizadas, seguem padrões e gramáticas, protocolos e regras cujo efeito é mundial.

IHU On-Line - Qual é a influência de Flusser e Foucault na construção desse conceito?

Siegfried Zielinski - Quando Flusser argumentava historicamente, ele não

se referia a uma arqueologia do conhecimento ou da cultura em sentido mais amplo; ele argumentava principalmente em termos antropológicos. Seu modelo para o desenvolvimento da civilização humana era bastante linear: inicia com a experiência do mundo quadridimensional em que vivemos (ele gostava de usar o termo *Lebenswelt* [mundo da vida], cunhado por Husserl para essa finalidade), passa ao mundo tridimensional da escultura e arquitetura, às duas dimensões da imagem, ao texto unidimensional para a crítica e historiografia e chega à dimensão zero da abstração completa (número, algoritmo). Às vezes eu faço referência a esse modelo, especialmente se quero enfatizar que essa última dimensão (zero) não é a dimensão final. Flusser o conceitualizou como uma passagem possível ao futuro, como um *projeto* para construir ou interpretar o mundo

de um modo diferente, uma passagem da abstração para a concretização. Em termos teóricos e metodológicos, Foucault² é mais importante para uma arqueologia da mídia, especialmente para minha própria abordagem. O conceito desse filósofo francês da história está estreitamente ligado à ideia de genealogia de Friedrich Nietzsche³.

2 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em três edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/vMiS>, edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/vMj7>, e edição 364, de 06-06-2011, disponível em <http://bit.ly/k3Fcp3>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento *Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault*, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em Formação*, disponível para download em <http://migre.me/vMjd> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Ternes, concedida à IHU On-Line 325, sob o título *Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico*, disponível em <http://migre.me/zASO>. De 13 a 16 de setembro de 2010 aconteceu o XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Para maiores informações, acesse <http://migre.me/JyAH>. Confira a edição 343 da IHU On-Line, intitulada *O (des)governo biopolítico da vida humana*, publicada em 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/bj5U9l>, e a edição 344, intitulada *Biopolítica, estado de exceção e vida nua*. Um debate, disponível em <http://bit.ly/9SQcgl>. (Nota da IHU On-Line)

3 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes

Giorgio Agamben⁴ - lecionamos juntos

Assim falou Zaratustra (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://migre.me/s7BB>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”, disponível para download em <http://migre.me/s7BH>. A edição 15 dos *Cadernos IHU em Formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://migre.me/s7BU>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do *Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. Na edição 330 da Revista IHU On-Line, de 24-05-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://migre.me/Jzvq>. (Nota da IHU On-Line)

4 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do *College International de Philosophie de Paris*. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002); *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005); *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007); *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007); e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007 o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível para download em <http://migre.me/uNk1>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista “Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito”, com o filósofo Fabricio Carlos Zanin. Para conferir o material, acesse <http://migre.me/uNkY>. Confira, também, a entrevista *Compreender a atualidade através de Agamben*, realizada com o filósofo Rossano Pecoraro, disponível para download em <http://migre.me/uNme>. A edição 81 da Revista IHU On-Line, de 27-10-2003, tem como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: A lei política moderna*, disponível em <http://migre.me/uNo5>. (Nota da IHU On-Line)

na Escola Europeia de Pós-Graduação em Saas Fee, na Suíça - também faz referência a isso em suas interpretações herméticas de elementos filosóficos e culturais. Como genealogistas, nós não perguntamos e buscamos a *origem* de um fenômeno, porque isto implica o conhecimento de uma dada verdade. A genealogia não volta ao passado para erigir uma grande continuidade para além do desvio do esquecimento, como disse Foucault. Nós perguntamos a respeito de derivações, desdobramentos (*Herkünfte, Entwicklungen*), movimentos labirínticos, ruas sem saída, interrupções de processos. Nossa imaginação da história não tem nada em comum com uma progressão linear, em que nós seríamos os mais avançados representantes. Os genealogistas não sabem exatamente de onde nós e as coisas estamos vindo e para onde nós e as coisas estamos indo. Sem origem, sem alvo - algo difícil de conceber, mas que dá à pessoa uma liberdade enorme para mover-se intelectualmente. E não exclui necessariamente o pressuposto de algo muito maior do que nós.

IHU On-Line - Essa arqueologia poderia ser considerada uma “anarqueologia da mídia”? Por quê?

Siegfried Zielinski - Eu inventei o neologismo “anarqueologia” como uma possível alternativa às narrativas estabelecidas na historiografia e como alternativa crítica ao pensamento de Foucault. O conceito de anarqueologia modifica Foucault num aspecto muito essencial: a linearidade de suas construções ou interpretações da história. Propor um aumento constante do poder (ou um declínio da humanidade até seu nível mais profundo, o fascismo alemão) é basicamente uma interpretação linear. A sutileza crescente das estruturas de poder até chegar ao nível micro da biopolítica ou governamentalidade é uma construção linear. Etimologicamente, *archos* implica não apenas a busca da origem, mas também liderança. No vocábulo grego *archein* está presente o termo governar/dirigir. Talvez eu saia da armadilha simplesmente construindo o *nomen agentis*. Com o conceito paradoxo de anarqueologia, podem-se construir

genealogias não lineares, dinâmicas, às vezes nervosas. Essa pesquisa que atravessa as camadas do passado é um experimento e uma aventura permanentes.

IHU On-Line - Por que a arqueologia da mídia é uma filosofia de vida? E, como filosofia de vida, que valores prega?

Siegfried Zielinski - Não tenho certeza de qual é sua referência quando você diz “filosofia de vida”. Talvez você se refira a uma atitude específica para com a vida, a uma ética de pensamento e trabalho científico. Neste caso, respondo com um claro “sim”. A abordagem (an) arqueológica, o conceito paleontológico, deveria nos ajudar a relativizar nossa posição na história; deveria nos ajudar a não ficar arrogantes em relação ao passado - ou, especialmente na Europa, em relação às culturas do tempo profundo de outros continentes e regiões. O Norte foi desenvolvido pelo Sul e através do poder do Sul, e não inversamente. A Alemanha, Itália, Inglaterra, França, Espanha, Holanda e mais tarde os EUA se tornaram os países em desenvolvimento das culturas do tempo profundo do Egito, da Índia, da Mesoamérica e da Mesopotâmia, das avançadas civilizações bizantina, helenística e mais tarde romana, judaica e islâmica. Está na hora de fundar - ao menos em nível imaginário - um “Instituto das Modernidades do Sul”. Deveríamos tentar inverter a situação mais uma vez. No ano passado, um grupo pequeno e aberto de jovens pesquisadores da Colômbia, reunido em torno de Andrés Burbano, fundou um grupo de pesquisa chamado “Variantologia Latina”. Eu não faria esses esforços (an) arqueológicos se não estivesse convencido de que podemos salvar ao menos partes das variedades e diversidades do passado para os tempos futuros. A pesquisa (an) arqueológica é, de fato, uma espécie de máquina do tempo. Se a fazemos com engajamento e em alto nível, ela pode nos ajudar a gerar o futuro. Mas essa intenção exige um respeito específico pelo passado. Não estamos interessados na história como coleção de fatos dados. Se eu desejo ter um futuro cheio de possibilidades em aberto,

“Não aceitamos a ideia de que a mídia tenha sido inventada no século XIX com o advento da fotografia, telefonia e cinematografia, ou seja, que a mídia seja resultado da industrialização”

também tenho de respeitar o passado como uma ampla gama de possibilidades. Primordialmente, não estou interessado no passado como algo que foi definitivamente, mas como algo que poderia ter sido diferente.

IHU On-Line - Em que aspectos a arqueologia da mídia pode ser um antídoto contra a amnésia histórica que caracteriza parte da pesquisa sobre os meios na atualidade?

Siegfried Zielinski - No amplo campo da mídia, consigo observar um interesse bastante forte pela pesquisa histórica. Arqueologias do computador, de artefatos algorítmicos, da mídia digital, das novas artes midiáticas e outras são geradas em muitos lugares do mundo. A questão é mais *como* essa pesquisa é feita em termos metodológicos, teóricos. A maior parte dela não tem qualquer marco teórico. A maioria simplesmente serve a ideias de progresso histórico na tradição da modernidade europeia; a maior parte está em busca de predecessores (*Vorgänger*) do agora muito avançado, é demasiado nacionalista ou regional ou muito limitada em relação ao período de tempo que é investigado. Com nossos esforços (an) arqueológicos estamos tentando cumprir ao menos três critérios: deveríamos pensar em termos *mundiais*, e não eurocêntricos; pensar em termos *cósmicos*, e não antropocêntricos e construir ou interpretar nossas histórias de modo dinâmico ou *multilinear*, e não monolinear. Aliás, foi um intelectual nascido no Méxi-

co, Manoel de Landa, que nos ensinou algumas boas lições para compreender essas histórias.

IHU On-Line - Como podemos compreender que, se há algo de novo no século XX, certamente é a redescoberta da subjetividade mediada pelas tecnologias da comunicação? Como se caracteriza essa subjetividade mediada pelas tecnologias da comunicação?

Siegfried Zielinski - Não tenho certeza de que entendo sua pergunta corretamente. Sou extremamente cuidadoso com termos/noções como subjetividade. Por um lado, eles são muito fortes filosoficamente e, por outro, foram completamente esvaziados. O mesmo se aplica ao termo comunidade, *communitas* ou *societas*. No mesmo ano em que Derrida⁵ publicou sua *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973) e Foucault se tornou uma atração intelectual em Paris por sua obra *A ordem das coisas*, Guy Debord⁶ observou o seguinte em seu texto *Sociedade do espetáculo*: a telecomunicação conecta, mas só pode conectar o que já está separado. A tecnologia da comunicação aprendeu a compensar cada vez melhor as rupturas, os divórcios e choques do real e dentro do real. Temos de ser muito cuidadosos em relação a

⁵ Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/s8ba>. Em 09-06-2011, MS Verónica Pilar Gomezjurado Zevallos, da Universidade de Caxias do Sul - UCS esteve no IHU Ideias falando sobre *Derrida e a Educação: o acontecimento do impossível*. Maiores informações em <http://bit.ly/k0ffe9>. Confira, nesta edição, a entrevista concedida por Zevallos, adiantando aspectos que irá abordar no evento. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Guy Debord (1931-1994): filósofo e sociólogo francês, autor de *A sociedade do espetáculo - Comentários sobre a sociedade do espetáculo* (Rio de Janeiro, Contraponto, 1997) e fundador da *Internacional Situacionista (IS)*. Sobre ele, confira ainda a autobiografia *Panegyrique* (Éditions Gérard Lebovici, Paris, 1989). (Nota da IHU On-Line)

esse desenvolvimento. Na Alemanha, acabo de concluir um breve livro intitulado *Após a mídia*. Ele termina com um manifesto, um apelo em favor de uma esquizofrenia normal: “ser *offline* e existir *online*”. O passado nos ensina que não deveríamos nos basear completamente em realidades mediadas. Deus pode *ser*, mas não pode simplesmente existir. O ser humano existe, mas sempre deveria tentar ser. Este é um grande desafio. Deveríamos evitar uma *psychopathia medialis*.

IHU On-Line - Em que medida o trabalho missionário dos jesuítas se configurou no prenúncio de uma comunicação de redes?

Siegfried Zielinski - Em minha opinião, ele foi uma forma de comunicação de redes, mas com uma forte noção de discursividade. O diálogo com outras culturas do mundo organizado pelos jesuítas no início da modernidade europeia estava estruturado em torno de um centro de conhecimento. “Conhecimento é poder”, afirmou Francis Bacon⁷ no início do século XVII. Esse centro estava localizado em Roma, no Vaticano. Athanasius Kircher foi um de seus mais iridescentes representantes no Colégio Romano. Assim, pode-se dizer que a forma de comunicação jesuíta no início da era moderna era um paradoxo: dentro de uma estrutura

7 Francis Bacon (1561-1626): político, filósofo e ensaísta inglês. Sua principal obra filosófica é o *Novum Organum*. (Nota da IHU On-line)

dialógica, ela seguia intenções discursivas. A distinção entre mídia dialógica e discursiva é uma das ideias altamente originais desenvolvidas por Vilém Flusser.

IHU On-Line - Nesse sentido, qual é o seu ponto de vista sobre o conceito de noosfera, de Teilhard de Chardin? Siegfried Zielinski - Tenho grande respeito por pensadores heréticos. Teilhard de Chardin⁸ é um deles. Mas sou muito cético em relação a seus fortes conceitos de unificação. A “noosfera”

8 Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. Sobre Chardin, confira o artigo de Carlos Heitor Cony, publicado nas Notícias Diárias do site do IHU, www.unisinos.br/ihu, de 16-06-2006, *Teilhard: o fenômeno humano. O jesuíta foi precursor do que foi chamado de evolucionismo cristão*. A edição 140 da IHU On-Line, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://migre.me/11DOX>. A edição 304 da IHU On-Line, de 17-08-2009, intitula-se *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, <http://migre.me/11DRm>, publicada na edição 135, de 05-05-2005 e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://migre.me/11DRu>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://migre.me/11DRM>. (Nota da IHU On-Line)

como âmbito planetário homogêneo de pensamento científico é uma dessas estratégias de unificação. E, naturalmente, ela foi adaptada fortemente pelas pessoas que sonham com uma “inteligência conectada” ou “coletiva” gerada através da internet e de seu enorme poder homogeneizante. A realidade de protocolos e estruturas dominantes de conhecimento gerados através da comunicação pela internet está em oposição à esfera harmoniosa do ciberespaço. Salvem as melhores ideias de Teilhard de Chardin sem compartilhar de seu romantismo!

IHU On-Line - Quais são seus trabalhos mais recentes?

Siegfried Zielinski - Nos últimos sete anos, expandimos nossa pesquisa (an) arqueológica de uma forma específica. Chamo isso de variantologia. Em dimensões de tempo profundo, estamos buscando as inter-relações entre as artes, ciências e tecnologias em diferentes culturas e partes do mundo. Esse projeto também nos ajuda a pensar o conceito de mídia de uma maneira mais generosa e não estratégica. Em julho deste ano foi publicado *Variantology V*, o quinto volume de nossa série de livros. Incluindo os outros quatro volumes, já publicamos 2.500 páginas de pesquisa variantológica. E, é claro, esperamos ter contribuído para o projeto mais amplo de uma prática e teoria antes e depois da mídia.